



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 26 de Novembro de 1983 * Ano XL — N.º 1036 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AGORA

□ Ajudar a Autoconstrução é darmos a mão aos que se ajudam. Assim como entrarmos no grupo para erguermos a trave; e na fila para o subir das telhas.

Quase todos os galatos do Tojal deram já uma ajuda ao Victor (irmão mais velho) que está construindo a sua casinha com a ajuda de todos. Há dias, encontrei-o exausto. Tinha trabalhado de noite na sua empresa e a seguir, 12 horas dando massa, na sua casa. Só uma motivação bem forte... A interajuda a fortalece.

Outro exemplo é o do Miguel, de Paço de Sousa: Comprou terreno. Começou a construir com o apoio da noiva, ajuda de familiares desta e de seus irmãos galatos. Tem sido uma luta de heróis!

Ajuda à auto-ajuda.

Ao Victor como ao Miguel e tantos outros, o Património dos Pobres deu um pequeno apoio. Esteve presente no balancear das telhas. Foi a presença viva das migalhas que tens mandado.

□ De facto, o problema maior que hoje se põe aos novos e futuros casais é o da habitação. Quantos sonhos tecidos e logo desfeitos no encontro com o muro quase intransponível...?!

Assim o nosso Germano: Casou. Uma cunhada emprestou-lhes um quartinho... e lá

vivem. Têm já um filho e vem outro, breve. A irmã precisa do quarto e anda aflito. Quer começar. Outro herói! Como ele, tantos a quererem começar...!

Motivados pela urgência, batemos, há dias, à porta do Regimento de Engenharia de Espinho para que uma máquina nos viesse fazer a urbanização dos talhões no terreno que adquirimos para distribuir pelos nossos casais precisados de casa e decididos pela Autoconstrução. Que os senhores nos oiçam e Deus ajude os novos heróis.

Sentido prático, tal como nas aldeias quando o sino toca a fogo: Todos largam as ocupações. Pegam o balde, enchem de água e vão a correr. Quando chegam é só despejar nas chamas. Não interessa, depois, a água no braseiro... Mas logo nos sinais de fumo.

□ Hoje é a procissão dos valentes que, no ano corrente, tiveram a coragem de construir a sua casa. São 140. Algumas viúvas, mulheres fortes; muitos casais novos; outros já idosos e com muitos filhos. É uma romagem de acção de graças. Um aceno de mão, reconhecido pela ajuda que tu deste no ano de 1983.

As migalhas de todos somam dois mil e trezentos contos!

Cento e quarenta famílias

DISCORRENDO

Os vinte anos da fundação de nossas Casas em Angola (e vinte e três do nosso primeiro contacto com África) foram oportunidade de reler crónicas e impressões que, ao longo deles, O GAIATO foi registando e de as rever à luz purificadora do tempo, que atenua, ou pode mesmo desfazer emoções de momento, às vezes passíveis de comprometer uma paixão de sempre, uma paixão para sempre.

Refiro-me ao sentir missionário, conatural a uma consciência cristã, que eu acredito ter sido motivação importante da gesta que nos levou de Sagres ao cabo do Mundo; que nós, cristãos e portugueses, traremos no sangue...; e ninguém estranhará que exista também no nosso coração.

Sentir que tem por objecto o homem todo, corpo e alma; a sua vida terrena e o seu destino eterno; e passa pelo mandamento primeiro na ordem cronológica: «Crescei, multiplicai-vos, enchei e dominai a terra».

A queda original não abrogou a lei divina. Deixou, sim, o homem desnordeado acerca do seu fim último e infestou-

-lhe a vida de contradição. O que seria rectilíneo e claro transformou-se em caminho de altos e baixos, de trevas e de luz. A meta, antes fácil de alcançar, tornou-se termo de penosa conquista. E até final, a caminhada é susceptível de erros e de desvios.

É afrontando o risco e a incomodidade que o homem tem de andar no sentido que Deus aponta: «Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem sobre a terra. E também — disse o Senhor — vos dou todas as ervas com semente e todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimentos».

No sentir missionário de um homem frente a outro menos evoluído, cabem este desejo de comunicar o dever de dominar sobre todas as criaturas e a decisão de ensinar a realizá-lo. Na era em que contamos o tempo, foi sempre a Igreja a Mestra pioneira das

Letras, das Artes, das Ciências, mesmo de técnicas. E nem só nas terras ditas de Missão, como até no Velho Continente! Pai Américo o diz tão bem naquele hino belíssimo que compôs quando surgiu no seu espírito o modo de ser do Património dos Pobres: «A Igreja! A força irresistível da Mãe! Quem é que ensinou a ler? Quem deu pão? Quem curou feridas? Quem arroteou?

Cont na 4.ª pág.

OFERECE-SE

Ocasião de jovem perder a vida ao serviço dos irmãos doentes no Calvário.

Padre Teófilo

As nossas Edições

Por diversos motivos nunca foi possível otimizar o ficheiro d'assinantes d'O GAIATO e da Editorial! No entanto, pela série de notas publicadas uma vez por outra, ao longo dos anos, e com algum esforço e boa vontade dos leitores,

já acontece uma certa melhoria em muitos aspectos, pois na maioria dos casos vão compreendendo que nem sempre os males recaem, totalmente, nas pedras (volantes) que servem de suporte à administração do jornal. Exemplo: Os inscritos com nome abreviado e que, depois, remetem valores ou correspondência com ele completo — ou vice-versa — já se lamentam, alguns, profundamente, na medida da sua Amizade! O ficheiro está ordenado alfabeticamente..., com perto de 35.000 fichas! Outros..., o jornal ou os livros vão para o marido e escreve a esposa, omitindo o nome dele — ou vice-versa, também. O mesmo acontece em relação a mais familiares... Um caso sério!

Voltamos a sublinhar, para alívio dos nossos serviços: É conveniente que refiram o nome tal qual vai expresso no endereço do exemplar do jornal ou do livro que recebem, o qual poderão recortar e mandar seja pelo que for. Aliás,

Cont na 3.ª pág.

É uma sala cheia de vida — que transborda para o mundo — com a acção dos mais pequeninos da nossa Aldeia, de Paço de Sousa! São eles, por suas mãos, como quem brinca — diria Pai Américo — que dobram milhares d'exemplares d'O GAIATO. E neste serviço mecânico, salutar, vão mais além: abraçam, carinhosamente, todos e cada um dos Leitores!



PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

VISITANTES — Durante a feira de S. Martinho, em Penafiel, aumentou o número de visitantes a nossa Casa, pois muitas excursões, de vários pontos do País, aproveitaram a ocasião — como já é habitual — para estarem algum tempo connosco. Vêm a nossa Casa muitos Amigos, até emigrantes, que, sempre que podem, aqui fazem, também, uma rolagem de Amizade.

DESPORTO — Há dias, a seguir ao treino, entra um no balneário queixando-se dos pés. Perguntámos o motivo e respondeu: «É a chuteira que magoa!...»

Como temos falta de chuteiras e sapatinhas, aqui vai um SOS dirigido aos clubes ou entidades que nos possam dispensar este material. Até porque o desporto é para bem da nossa saúde física e moral.

REFLEXÃO — No dia 6 de Novembro, os mais velhos, chefes e sub-chefes, tivemos uma reunião com o nosso Padre Telmo na Capela da nossa Aldeia — lugar sagrado.

Ele falou nalguns pontos muito importantes: nós, os mais responsáveis, devemos ajudar os mais pequenos e olhar com mais cuidado pela ordem em toda a Comunidade.

Como somos uma *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*, os chefes têm uma grande importância! Não devemos tomar conta só das casas onde dormimos, mas de toda a nossa Aldeia, e estar atentos aos pontos onde as coisas estão mal, contribuindo para que tudo corra bem. A reflexão sobre o aspecto disciplinar foi muito oportuna para todos, pois também somos um apoio na educação dos nossos irmãos mais novos.

José Carlos

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Procuramos corresponder, imediatamente, aos casos que surgem — e são muitos, todos com uma feição específica — mas a nossa ânsia de justiça, por vezes, aflige o tesoureiro que cumpre dignamente a sua missão.

Quanta gente sofre — e chora — por não ter quê? Pior: sem mão amiga que alivie a cruz!

— *Os compromissos são muitos, cada vez mais, e as necessidades dos Pobres sempre a aumentar!...*

É a viúva que passaria mal — e os seus — só com a mísera pensão de sobrevivência. Além de fornecer o pão — num abraço d'amor cristão — a partilha dos nossos Leitores estimula estas mulheres a um porte digno. Diríamos o mesmo das mães solteiras.

Às vezes, acontece haver oportunidades de promoção social para algumas delas. Mas, por carências pessoais de vária ordem, *desperdiçam-nas*, apesar da nossa insistência — que respeita a liberdade de cada um.

Sofremos por isso, evidentemente. No entanto compreendemos que são pobres, vítimas de um complexo de circunstâncias — até d'ordem familiar — que os bloqueia, em prejuízo dos próprios filhos!

E os velhos, os doentes, os estropiados, já que as pensões mal dão para o caldo, para a broa!? O quanto elas, as pensões, têm custado a despachar, perante a *insensibilidade* dos responsáveis!? Ao que a gente lê, supomos que estão a acordar para a solução do problema. Já não é sem tempo! Seria adoptado um critério, o mais sensato, e que, aliás, temos sugerido desde sempre — como recoveiros dos Pobres: após o requerimento despachariam uma pensão condicional, enquanto a burocracia, digamos, confere a papelada. Só depois passaria a definitiva. Esta decisão, se for avante, é um marco importante na humanização da Segurança Social portuguesa, que está para servir, na hora própria, com os valores dos próprios beneficiários.

Continuando o tema: os alertas do nosso tesoureiro são um calvário! Mas cumpre a sua missão. É o homem certo no lugar certo.

PARA TI

Para ti,
Meu rapaz,
A coragem de Joana d'Arc
Para que sejas capaz
De prosseguir viagem
Até ao teu futuro.

Para ti,
Meu rapaz,
O sentido da vida
Enraizado na alegria
E na educação
Para livre viveres
E nunca conheceres
A solidão.

Para ti,
Meu rapaz,
O admirável direito
De estares em paz
Neste mundo desfeito
Pela guerra
E pela fome.

Para ti,
Meu rapaz,
A vivência na união
Intelectual e moral
Para que o teu coração
Saiba distinguir
O bem do mal.
E depois difundir
Pelo mundo fora
A Boa Nova.

Para ti,
Meu rapaz,
A primavera da vida
Para quando chegares ao outono
Da velhice
Seres modesto
E calmo.

Para ti,
Meu rapaz,
A concretização
Dos teus sonhos
Mesmo que sejam difíceis
Ou pareçam impossíveis.

Manuel Amândio

— *Temos de pagar ao electricista a instalação eléctrica das restantes moradias do Património dos Pobres...! Vamos ser comedidos para atendermos todos os Pobres!*

Hora de grandes sermões, à moda dos ministros das finanças, como se a Misericórdia de Deus não fosse — como é — Infinita!

● A problemática do desemprego já atinge muitas famílias! Deus permita que, nos domínios da Economia, o capital se não sobreponha demasiado aos sagrados valores do Homem!

Ela trazia os filhos na mão. Triste. Debulhada.

— *O meu home foi despedido! Ainda não arranhou trabalho...! Ele não sabe de trolha nem de pedreiro. É só pá e pica...*

A mulher diz mais, ainda, com um suspiro d'amargura:

— *A gente, noitros tempos, esteve habituada a passar fome, mas os nossos filhos não. Estão habituados a comer um triguinho de manhã, c'o café...*

Nestas circunstâncias há que fazer pela vida, procurar sobreviver na medida das possibilidades. Em tempos o marido trabalhou na lavoura. Aliciado por melhor jorna no sector secundário, deixa o campo e é mais um *indiferenciado* a engrossar a legião da *pá e pica*. Agora, porém, face à desgraça, volta a despertar o gosto pelo arado:

— *Vamos aventurar-nos a fazer uma terra grande, mas não temos dinheiro, nem prò adubo nem pràs sementes nem prò gado...! Quem nos vai pagar os bois é um pagador (nestos casos, a nível local, supre, tradicionalmente, a missão específica das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo). E quando a gente, um dia, vender o gado, damos uma terça...*

Se fôssemos um País com projectos viáveis (há-os na gaveta, com certeza!), e estruturas adequadas (aquí está o mal!) seria uma hora ideal — ainda que exigisse um esforço titânico — para o regresso de muitos trabalhadores, indiferenciados à lavoura, apoiados em acções de formação — baseadas em linguagem, métodos e técnicas que eles entendam... — e que além do aspecto tecnológico seriam uma forma de mentalizar esta gente simples para as riquezas da vida agrícola. Chamem-lhe *extensão rural, agrária*, chamem-lhe o que quiserem. O certo, porém, é que, nesta fase, seria uma forma de dar vida a muitas terras incultas e trabalho a muita gente, cuja produção aliviará o déficit da balança de transacções correntes, já que importamos milhões de contos de produtos alimentares. E aí de nós se não dedicarmos à mãe terra, aos braços que a amanham, todo o amor e carinho! Dizem os entendidos que somos um País com ricas potencialidades (nos domínios da agro-pecuária, floresta, horticultura, floricultura, fruticultura...) estagnadas ou preteridas pelos teóricos da industrialização, que deveriam ter sido mentalizados, há muito tempo, para a linha (correcta) dos chamados *planos de desenvolvimento integrado*, onde todas as partes beneficiam, equitativamente, do mesmo prato;

melhor, onde todos os membros do corpo têm razão de ser e de viver — em prol do bem-comum.

Por isso mesmo, a traços largos, o sector primário é, hoje, o parente pobre de todos os outros! Os estrangeiros já estão a descobri-lo... E de que maneira!

PARTILHA — Durban (África do Sul), mais uma *«pequenina migalha para ajuda de quem tanto precisa»*. Avenida da Boavista (Porto), um cheque pela mão de *«velhos Amigos»*, acentuando: *«Se a «distribuição» não está correcta, rectifica!»* Outro, de Braga, assinante 24671, *«para ajudar Viúvas pobres, particularmente as que têm filhos»*. Mais a assinante 25205, de Aveiro, pois *«são muitas as necessidades»*. Presença de Coimbra — marco histórico da Obra da Rua — onde Pai Américo começou a peregrinar mais junto dos Pobres:

«É costume enviar um pequeno donativo na data de aniversário do passamento de meu querido pai, que ocorreu a 15 de Outubro — e só agora me disponho a fazê-lo. A desolação em que me deixou o falecimento de minha querida e santa mãe, com 95 anos muito lúcidos, contribuiu para o atraso.»

Junto um cheque de 1.000\$00 para acudir às aflições da Conferência Vicentina. É muito menos do que a importância que desejaria dar, mas muitos poucos fazem muito — e foi assim que Pai Américo começou e tem sido assim e será que a Obra da Rua continuará de pé.»

Avenida Infante Santo (Lisboa):
contas em ordem com O GAIATO

e Editorial e, *«se algum dinheiro sobrar, será para a Conferência de S. Vicente de Paulo»*. Mais um cheque e uma nota d'amizade: *«Sinto-me envergonhada por há mais de um mês o ter preenchido e não o ter enviado, talvez devido à avançada idade: vou a caminho dos 80... É um auxílio para as inúmeras aflições que mortificam a vossa Conferência»*.

Quando os mestres fazem da sua vida um autêntico sacerdócio, marcamos para sempre! São escultores d'almas. Modelam gerações d'homens. Cimentam o futuro, a perenidade da Pátria. Não importa referir se ontem era melhor do que hoje ou vice-versa — *«conflito de gerações»*. Mas sublinhar a sua missão específica para a formação das crianças, dos jovens, qual penhor de gratidão por todos os que nos abriram os caminhos da vida — até com sacrifício pessoal! Aí vai escondida, no meio da *«proissão»*, uma nossa Professora, d'Elvas, braço dado na irmã. Feriúlhes o coração uma nota publicada n'O GAIATO e, *«pensando aliviar um pouco a pesada cruz»* que referimos, resolvem *«enviar alguma coisa do que temos (6.000\$00), pedindo apenas a esse corajoso homem que não desista de acabar a sua casa que principiou com tanto sacrifício»*.

Os donativos devem ser remetidos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — a/c do Jornal O GAIATO — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

ÓSCAR



Nasci em 12/4/69 e sou de Lisboa.

Minha mãe e meu pai abandonaram-me, tinha eu 7 meses. Umhas Irmãs, religiosas, é que me apanharam num caixote. Levaram-me e criaram-me até aos cinco anos num colégio, em Penacova. Dava passeios com as Irmãs, ia à praia e visitava pessoas conhecidas.

Depois, vim para a Casa do Gaiato do Tojal, onde cheguei no dia 30 de Novembro de 1974.

Dou-me bem com os meus companheiros. Trabalho na copa. É um pouco difícil, mas tenho de cumprir o serviço para bem da Comunidade. Sou guitarrista da Casa, e outro rapaz mais velho, também. Os mais velhos é que me ensinaram a tocar. Vou tentar, ao menos, o 2.º ano do Ciclo Preparatório, pois fiz agora a 4.ª classe.

Quando for grande quero ser condutor da TIR, mas também gostava de frequentar um curso de música.

A Religiosa que cuidava mais de mim, morreu com um cancro no pâncreas, a 15 de Maio de 1982, no Hospital da Boavista, onde estive, antes, a visitá-la.

Gosto muito de distribuir o nosso jornal O GAIATO!

Termino com um abraço de paz para todos os nossos leitores.

Oscar

■ Estávamos em Dia de Todos os Santos. Um sol, de Outono, quente e calmo. Nem as folhas das árvores caíam! Havia um convite natural ao sossego.

Era hora do almoço. O nosso refeitório estava cheio. Por isso, mais trabalho para os refeitores. Um deles era o «Bombeiro». Durante a refeição vem pedir, com a cara triste e nervosa, mais comida para alguém que faltou. Entretanto, quase nos esquecemos daquele momento; mas ele não! E já o refeitório estava vazio quando o vimos a chorar e soluçar. Zé Baleia e Adelaide almoçaram connosco e estavam presentes. Chamo o «Bombeiro». Pergunto o que tinha acontecido. «São nervos...» — responde com a voz cortada pela emoção. É verdade! Servir à mesa não é uma missão fácil, em nossa Casa. Um pedaço de colher, outro um garfo — tudo ao mesmo tempo! Ou é a comida que demora, ou então falta isto, aqui ou ali. Os refeitores não podem

PARTILHANDO

perder tempo, para atender todos! E nem todos compreendem quem serve — como o «Bombeiro» — ou quem é servido. Daí os nervos deste e de tantos outros casos que dão falta de apetite ou atrasam a digestão ao «Bombeiro» — e a nós outros!

■ Naquele mesmo dia o «Vila Real» fugiu. Ele sabia, porém, que a mãe não tem possibilidades de o acolher. E do pai, até há bem pouco tempo, sabia apenas que o abandonara quando ele era pequenino!... Entretanto, nestes últimos tempos, o pai apareceu: pelo telefone e pessoalmente; pelos catorze anos do filho; e pelo processo que a mãe pôs em Tribunal a fim de chamar o pai à responsabilidade, que tem, de participar, ao menos, na parte de susten-

to dos filhos. Apareceu para o cativar, desorientar e novamente abandonar!...

O primeiro passo: a fuga! Há três anos que o «Vila Real» está connosco — feliz e tranquilo. Agora, fugitivo infeliz!

Ele foi para a mãe — a primeira contradição da desorientação. Ao chegar lá mentiu, fugiu, desobedeceu. Apareceu-nos então a mãe, uma destas tardes tristes de Outono, a chorar pelo filho que não foi capaz de trazer consigo. Ela que o gerou, criou e amou! Abandonada pelo marido vai à procura do sustento, separando-se também do filho. Af começa o drama! Onde acabará? O pai dirá...

Eis o nosso drama! A Família Humana acaba por morrer à porta das leis que tão tardiamente ditam a Justiça. A parte do pão, somente! E a

parte da Educação? E do Amor? E a Responsabilidade? E as horas, dias e anos de ausência pelo abandono total? São interrogações da Justiça por fazer, debitadas àquela mãe e àqueles filhos, até à Eternidade.

■ Veio de Aveiro esta carta de um Padre que **«pe-lo amor de Cristo aos mais pobres e abandonados», expõe «este caso pelo qual fico fiador»:**

«É um rapaz, com quinze anos, embora manifeste notório atraso psicológico em re-

lação à idade. É um rapaz da rua. Foi gerado numa «pipa de vinho», pois tanto a mãe como o pai são alcoólicos. Ela com cirrose, ele abandonou o lar. Actualmente vivem num antigo curral de vacas. A fome é o pão-nosso-de-cada-dia. O Henrique é amparado por uma família que não pode...»

E nós também não! Eis, aqui, uma triste situação! Pedidos e mais pedidos! Pela idade avançada do rapaz, pelo seu atraso psicológico, pela nossa Casa cheia e pelos muitos pedidos (à espera) por casos de abandono total..., aqui fica o não — duro e vazio — igual a tantos outros que ultimamente somos obrigados a dizer.

Cont. na 4.ª página

As nossas EDIÇÕES

Cont. da 1.ª página

são cada vez mais os que procedem desta forma. É, de facto, um progressozinho!

A nota d'hoje, porém, é motivada por outro problema, não menos candente: as alterações de moradas. A vida vertiginosa do dia-a-dia cria desfazamentos, até o mudar das trouxas! Resultado: andam por lá jornais nas mãos doutros — indevidamente. E só quando o interessado dá fé — após um, dois, três meses... — vem até nós, aflito, com as mãos no peito! Há dias, um, como outros, serviu-se do telefone: — Faltava qualquer coisa na minha vida...! Procurei. Dei voltas. Era O GAIATO...! » Sa-námos o problema, imediatamente.

Pelo crescimento de novas cidades de betão — em zonas suburbanas do Porto, Lisboa e mais cidades do País — têm chegado jornais devolvidos por insuficiência d'endereço ou nota de desconhecido, pois os lugares ou lugarejos com nome próprio, de séculos, passaram a usar toponímia e números nas portas... É na zona dos Carvalhos (Vila Nova de Gaia), Fânzeres (Gondomar), Valongo — para só referirmos algumas localidades do grande Porto — e nas periferias doutras cidades do centro e sul do País. Pedimos a colaboração dos CTT, mas, apesar da boa vontade, a mala-posta também sofre a evolução dos tempos!

Em suma: Façam o favor de nos comunicar, na hora própria, qualquer alteração de morada. É, mau grado as nossas limitações, continuaremos a aperfeiçoar, assim, o ficheiro — com cerca de 30.000 assinantes de O GAIATO e 5.000 da Editorial. Até porque o custo de vida não pára: os papéis sobem todos os meses — como se fossem um produto importado! Vamos aliviar trabalho — e continuar a fazer poupança!?

Márinho

Júlio Mendes



CONVÍVIO

É verdade! Houve o anúncio do convívio. Foi mesmo um grande convívio. E para reforçar o abraço dos gaiatos presentes, esteve também a D. Olga, gaiata pelo coração, que, como dizia o Padre Carlos, representava a vastíssima família dos Amigos da Obra. Se gostou?, garanto que sim. E tanto assim que nos deixou o seu endereço para, em encontros futuros, a podermos contactar. Estará connosco já no próximo convívio em Setúbal, dia 8 de Janeiro do ano que se aproxima. Há entusiasmo para mobilizarmos os que andam arredados. Tem que haver um ficheiro que nos permita contactar todos e a tempo, pelo que, tu, gaiato que me lês, envia a tua morada para o Eurico — Rosicler, Rua Augusta 1100 Lisboa (Tel. 360209). Estamos a quatro anos do centenário do nascimento do nosso Pai Américo, convívio, pois, que nos vamos preparando

(treinando, não é «Areosa»?) para comemorarmos essa data. E foi já com esse espírito que se organizou esta reunião.

Foi bonito ver! A medida que os rapazes iam chegando, acompanhados pelas esposas e filhos, abraçavam-se, tratavam-se pelas alcunhas com que ficaram na história e iam recordando tantas e tantas peripécias. O entusiasmo era grande e não demos pela cavalcada do tempo. Assim, a santa Missa começou com algum atraso, mas nem por isso deixou de haver tempo para uma reflexão sobre a vida e obra do nosso Pai Américo; o Evangelho dizia-nos: **«Exalta-te e serás humilhado. Humilha-te e serás exaltado»**. Nem de propósito! Pai Américo foi humilde e por isso nós o exaltamos.

Depois da santa Missa, e como em qualquer festividade, o Eurico e o Coelho meteram-nos numa caixa preta, aquilo a que chamam máquina foto-

gráfica. Fica para a posteridade. Entretanto, e como já passava das 12h30, fomos andando até ao «David da Buraca», onde tínhamos sala reservada e ficámos grande parte da tarde em alegre e franco convívio. Comeu-se, bebeu-se e, claro..., pagou-se. Padre Carlos botou palavra. Adorou estar connosco e, pareceu-me, era dos presentes o mais entusiasta com a ideia de novos encontros. Aparece sempre mais um. Por vezes «filho pródigo», o que, diga-se de passagem, é sempre motivo de alegria. Mas o convívio não terminou. Dada a impossibilidade do Álvaro e do Fernandinho estarem presentes, devido à Feira das Mercês (o Álvaro é proprietário, naquele local, de um **snack-bar**), fomos ter com eles, até ao princípio da noite. Um dia em beleza!

Bem..., agora até Setúbal, em 8 de Janeiro.

DOCTRINA

● Senhor, ele não há ninguém no Mundo inteiro que mereça a estupenda alegria de partir pão aos que têm fome! Por isso, beijo fervorosamente as mãos de todos quantos se têm deixado prender nestas malhas de encanto, que falam como sereias e prendem como o Amor, porque são feitas do amor a Deus.

● A Caridade vem do Céu. Ela não é de maneira nenhuma o fruto do nosso amor a Deus; é antes o amor de quem primeiro nos amou (**prius dilexit**) difundido nos corações da gente.

● Que importa que seja a ingratidão a moeda com que se nos paga? Os Pobres, ordinariamente, não têm outra; e praza a Deus que a gente a não mereça! Mas o negócio não é com eles.

● Enfiem-me nos becos da Baixa (de Coimbra), subo degraus sem luz, sento-me em montes de trapos, ouço histórias, enxugo lágrimas, abraço, compadecido, o acabar de vidas que se despedem dela sem saudades de ninguém, tombadas finalmente na Misericórdia de Deus, onde vão agora encontrar Justiça. É um regalo passar a vida assim, tocando a cada minuto o Sobrenatural e sentindo a mão do nosso bom Deus que nos abre as portas onde se entra, umas vezes para dar, outras para receber.

● As teorias do Mundo não cabem dentro da nossa vida. Leis, discursos, guerras, falatórios, nações — turbilhão que passa, poeira, tropear, nada! Nem dou fé de tal. Passo muito a modinho pelas ruas da cidade, cosido aos beirais das casas pobres e à vida dos que lá moram dentro. Servir, dar, viver!

D. Amín. 5!

TRIBUNA DE COIMBRA

● Dia de Fiéis Defuntos. Dia de festa para os crentes. Recordação daqueles que já terminaram a sua peregrinação na terra e agora esperam a hora da alegria plena, depois da completa purificação das manchas contraídas pelas faltas da vida terrena.

«Não os procureis entre os mortos. Eles estão junto do nosso Deus que é Deus dos vivos e não dos mortos.» A oferta da nossa flor é sinal de vida. A luz acesa da vela ou da lâmpada é sinal de fé. A nossa oração é sinal de certeza na Vida Eterna.

Neste dia, como grande multidão faz, associei-me à oração litúrgica da Igreja e fui em romagem a alguns cemitérios — campos santos. A nossa oração e as nossas boas obras são as melhores ofertas. As romagens aos cemitérios, para os crentes, são manifestações de vida e sinal de festa.

● De tarde visitei o cemitério grande da cidade. Algumas pessoas a rezar junto do lugar onde o corpo dos seus foi sepultado. Um ou outro pequeno grupo em conversa.

Muitas flores e luzes acesas em certos lugares. Muitos lugares abandonados.

Também alguns jovens, em grupos de dois ou três, de terço na mão rezavam em voz submissa, percorrendo as várias ruas. Cruzei-me com eles em silêncio. Fez-me muito bem a presença destes jovens. Sinal de esperança.

Na visita passei por um talhão que me pareceu lugar de abandonados. Só uma ou outra sepultura — muito dispersa — com sinais de vida e de amor. O coração e a alma inundaram-se de tristeza e perguntei e rezei ao Senhor: — Tantos jazigos e alguns com sinais de tanta glória e vaidade terrenas; tantas campas com sinais do que há de melhor para oferecer; tantos jardins transplantados para este lugar; e também tantos sinais de abandono!? Até na morte e depois da morte teimamos em não ser irmãos!...

Aqueles que já partiram, e a nós que ainda estamos em peregrinação, acolhei-nos a todos na glória do Vosso Reino, Senhor.

Padre Horácio



Vista parcial do campo santo do nosso Calvário — em Beire (Paredes) — onde repousam, para a Eternidade, centenas de doentes pobres que o mundo desprezou — e aqui entregaram as suas vidas, na mão de Deus, «mais facilmente em Paz».

Partilhando

Cont. da 3.ª página

■ A Escola começou. São os da Primária, da Telescola, do Liceu de dia e de noite. Os livros, as viagens, o material escolar, a alimentação — pedidos de todos os dias. Os nossos de dia, no Liceu, têm o subsídio de cem por cento. Os da noite já não é assim. Para o

problema número um deles — o transporte — nem um tostão de direitos! Todas as noites lá vamos e vimos, quer chova ou faça luar, com a carrinha carregada de trabalhadores-estudantes.

Até há dois anos, comprometemo-nos com a obrigação social de levar os nossos vizinhos também à Es-

«Montreal, 24/10/83

Cada vez que o Jornal me chega às mãos, a minha consciência intranquiliza-se! Mas há sempre uma «desculpa» que vem fazer reportar a anuidade da assinatura mais tarde, ainda mais tarde! Porém, com tantos números chegados, alguma vez havia de não ter «desculpa» para que a presença seja um facto.

Por isso mesmo, aqui segue junto um cheque de cinco contos para a minha assinatura, cuja placa contém o número 31952 — foi preciso trabalhar aí para compreender a importância do número da assinatura... — e que está em débito há, pelo menos, 2 anos. É muito tempo! Desculpem!

Em Junho último estivemos em Portugal e era para passarmos por Paço de Sousa. Até porque tínhamos falado sobre um possível regresso a Portugal, mas deixámos cair tudo, e, portanto, de sonhar.

O facto é que nos últimos dias da nossa estadia, precisamente quando nos preparávamos para ir aí, a Paço de Sou-

sa, a partir de Lisboa, a nossa filha adoeceu e só eu, então, fui de fugida ao Porto despedir-me da família.

Foi pena, porque a minha mulher está ansiosa por conhecer a Casa que me criou, porque tendo ido só a Setúbal e ao Tojal, isso não a satisfaz. Mas nós teremos tempo, e dentro de três anos, possivelmente, aí daremos uma volta, pois que, sem férias pagas (como não existem aqui nesta América tão fortuita em existências) e com uma casa a pagar não é fácil deslocarmo-nos assiduamente.

Como sabe, continuo a trabalhar como impressor em terminografia — pode ver pelos exemplares que envio — e posso dizer que estou bastante contente, porque não só trabalho na arte, como a mesma é bastante bem paga (aliás, tudo o que é mão d'obra especializada) e os horários são bastante bons.

Posso considerar-me com

sorte! Só passei um ano a lavar pratos e outras coisas, pois arranjei logo emprego na profissão. E digo isto, porque há centenas de emigrantes (não exagero) que estão aqui há 10 e 20 anos e nunca conseguiram trabalhar na sua arte, seja por comodidade — preferem estudar as línguas (francês e inglês) para se integrarem — seja por nunca se terem habituado aos hábitos e costumes destas gentes, preferindo viver no ghetto donde, verdadeiramente, nunca saíram desde que chegaram. Enfim, «cada um é como cada qual e ninguém é como... evidentemente», dizia-se quando estava aí.

E que mais posso dizer?!

Estou a começar a estudar para completar os estudos que dão acesso à Escola Superior, porque se um dia tiver possibilidades (as possibilidades aqui são monetárias, porque comprámos a casa onde vivemos, no campo...), e não será fácil tão cedo, penso tirar um curso de desenho industrial. A ver vamos.

Um grande xi para todos os que se lembram de mim.

«Quim do Porto»

Discorrendo

Cont. da 1.ª página

Como gosto de mergulhar nestas verdades da História! Vinte séculos não a perderam. Outros tantos não a perdem. A Mãe!»

Bem nítido na consciência ou difuso na sub-consciência, eu creio que este sentir foi com os nossos descobridores e com os que os seguiram ao longo dos séculos no caminho das terras descobertas. Lá, sobretudo, foi a Igreja quem ensinou a ler, quem deu pão, quem curou feridas; e foi sob a influência do seu espírito que se organizou o domínio sobre a terra.

Houve erros?... Sim. O da escravatura, por exemplo, que apesar de combatido desde o alvorecer da era cristã, levou dezanove séculos a apagar da mente dos homens até que eles o abolissem das suas leis! (E estará já abolido, em verdade?)

Houve desvios?... Aconteceu, muitas vezes, que contra este espírito recebido, o domínio do homem sobre a terra passou pela exploração de ou-

tros homens?... É um facto. Um facto dramático que desde a violência de Caim sobre Abel jamais deixou de ser real entre os homens.

Porém, a realidade deste facto não legitima a generalização nem autoriza o fatalismo. Da mistura do Bem e de males, da Justiça e de injustiças, a decantação final resulta positiva. E tê-lo-ia sido absolutamente se, olhando a hora da emancipação de vida, tivéssemos querido prepará-la seriamente, em circunstâncias descarregadas de emoção — da emoção que, antes se expressava em teimosia de unidade contra-natura e, depois, se exprimiu em delírio de libertação na irresponsabilidade.

Nove anos (um nadinha de tempo para a História, mas o bastante para, passadas as emoções do antes e depois, irmos recolhendo a reacção dos pseudo-libertos face à sua trágica situação) parecem suficientes para mostrar que o maior erro, o mais funesto desvio de quantos foram praticados contra povos de que nos responsabilizámos durante séculos, foi o modo como os abandonámos: à fome, à doença, à guerra — à voragem de outros interesses que não são os seus.

Padre Carlos

Livro

«O BARREDO»

1.º volume (2.ª edição)

O assunto do livro Pão dos Pobres não está antiquado. Não está. Os casos do livro O Barredo são em tudo e por tudo uma repetição viva e actual dos referidos naquele outro. Então quê? É para demonstrar que a vida do Pobre não muda. «Estamos no mesmo ser» é uma resposta muito dos meus ouvidos, quando, por hábito, pergunto ao Pobre como vive. A semelhança dos Barredos é flagrante, tanto faz Coimbra como Porto ou Lisboa, que são estes os que melhor conhecemos. — PAI AMÉRICO

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel



Padre Moura